

À flor da pele, sob a pele. Duas variações técnicas e tecnológicas sob a alteridade interior¹

Nacira Guénif-Souilamas

Colocar-se no avesso da cena dá acesso aos segredos de sua fabricação. Revela a desordem que reina antes da *performance*, antes dos elementos esparsos e desarticulados serem expostos em ordem e com discernimento. Aproveitando o convite feito pelos organizadores deste colóquio para mergulhar e ver mais de perto, é isso que vou fazer. Ver não o *voyeurismo*, mas o que se passa na superfície e sob a pele, no fundo do corpo e do ser que o habita quando este deve aprender a confrontar o meio hostil ao qual ele pertence e no qual ele quer se manter e manter seu lugar.

Juntando dois segmentos performativos *a priori* estranhos um ao outro, aquele do trans, travesti ou transgênero e aquele da insuficiência respiratória, esta contribuição propõe percorrer a superfície e as profundidades de duas formas corporais que vivem em um meio hostil, a fim de revelar o que nos dizem da alteridade interior como existência comum. Trata-se, portanto, de considerar a alteridade enquanto forma comum de existência, como ponto comum de divergência, cada pessoa extraíndo de sua capacidade de juntar o que difere de si mesmo o impulso para romper-se. Longe de ser prescrita por uma aversão ou uma desconfiança, esta alteridade interior, este outro em si e dividido, torna-se a porção comum de todo indivíduo, a condição de sua possibilidade, o objeto de toda sua atenção e de seus esforços para se transformar.

Sua aposta se define em desfazer a divisão e restaurar a continuidade entre as diferentes formas de vida, entre humano e não humano, entre humanidade e máquina, e em abolir as fronteiras que circunscrevem as zonas

¹ Conferência realizada no Collège de France, em Paris, nos dias 29, 30 e 31 de janeiro de 2014, durante o colóquio *O avesso da cena: emergência das formas e agenciamento da existência*, na sessão "Transversalidade dos afetos".

de atividades. Para isso, esta proposição percorre e experimenta os vínculos vitais e os encadeamentos temporais ou duráveis entre humanos impelidos ao limite de sua capacidade indentitária, minoritária, racial, física, respiratória, e os ambientes urbanos e tecnológicos nos quais eles se intensificam para resistir. Giordano Bruno, trabalhando para medir o grau de ligação, anota: “E como são diversas as espécies das coisas, e suas especificidades, diversos são para elas o tempo, os vínculos, os intermediários, as vozes, os órgãos e suas funções. É muito fácil observar isso em todo o tipo de liame, e de acoplamento e de generalização”². Concebida há mais de 400 anos, longe de estar esgotada, esta abordagem é reativada pelas figuras aqui examinadas.

A primeira partitura performativa se vincula aos passos das criaturas *queer* negro(a)s, se travestindo e se modificando à margem das cidades transformadas pelo declínio do centro euroamericano, e às experiências de sobrevivência que eles/elas constroem com e contra seu meio hostil, manifestando assim sua *hard skin*, seu couro duro.

A segunda partitura mede a *performance* respiratória e as técnicas de sobrevivência de pessoas que aguardam um transplante pulmonar, dependendo do condicionamento de órgãos por uma máquina *ex-vivo*, ativada fora do corpo humano, sob os cuidados de uma equipe pluridisciplinar e hiperespecializada.

O que está em jogo é pensar conjuntamente estas duas experiências, dois tipos de exercício de transformação do corpo e de si, mais do que apenas dois protagonistas do evento. Consideradas vitais, essas transformações estão abertas a dependências e ao apego, convocando uma cartografia de lugares que fundam uma alteridade sustentável.

Driblar uma partitura é entendido aqui como uma linguagem compartilhada e consignada nos corpos que permite interpretar uma composição e notar como uma separação, uma fronteira, sob certas condições, pode se tornar uma linha de divisão, um lugar de compartilhamento. Este jogo da partitura repousa sobre sua capacidade de colocar em andamento, portanto, em palavras, de decifrar os signos e os gestos durante a *performance* desta partitura, de mensurar a performance e seu alcance para conseguir localizar certos corpos e seus fragmentos e os cartografar em seu meio.

Paralelo entre, de um lado, os quintais devastados de Baltimore,

2 Bruno, G. *Des liens*. Tr. fr. Danielle Sonnier e Boris Donné. Paris: Allia, [1591], 2001, p. 71.

onde se mantem as figuras estranhas cuja sofisticação da vestimenta e da postura não se iguala à degradação dos lugares, e, de outro, a vida dos insuficientes respiratórios esperando por um transplante, ligados a uma máquina ativada por um computador, com o propósito de manter o cuidado para salvar um órgão, entronizado na oficina do aprendiz de feiticeiro de um centro de inovação biomédica, no norte da Europa, do qual dependem estas vidas diminuídas e espalhadas pelo mundo.

Atmosfera irrespirável: aquela da pobreza, de um reinado municipal em declínio sob o signo da raça e do abandono; aquela da fraca capacidade respiratória, de um ar impossível de inalar, rarefeito, contra o que o recurso a um instrumental (Jean-Luc Nancy escrevendo sobre o seu coração transplantado), órgão aprimorado, recondicionado, se impõe para recuperar a respiração.

À flor da pele

A pele torna-se uma parede, a forma é uma com o fundo, o corpo em emergência entre a mineralidade e a palpitação, variação sobre o tema do moreno, do rugoso, do ornamento e de uma potência de agir subterrânea, belo edifício, imperceptível, que, no entanto, sentimos que é em qualquer caso aquele da vida e da morte, sempre próximos e emaranhados. Variação do couro duro, aguerrido, ao mesmo tempo resistente e maleável, elástico e plástico para garantir a robustez. *Hard skin*, a pele dura, avesso da pele suave, uma cobrindo a outra e em seguida uma descobrindo a outra para que, finalmente, a suave recubra a dura trançando sua plasticidade e sua resistência. A pele dura do travesti, do trans, do *queer*, à frente para arranjar o espaço, proteger a superfície de sua sobrevivência, é a condição de possibilidade da pele suave, atributo da feminilidade exposta, declinada, posta à flor da pele. Mas, para que esta superfície refletora da feminilidade possa ser vista, importa que, previamente, a pele se endureça, que ela adquira esta solidez que a torna mais elástica e mais resistente às intempéries da vida no meio hostil. Não se trata somente de saber tomar, esquivar e devolver os golpes, trata-se mais centralmente de saber evitá-los e recebê-los, de desarmá-los por um perfeito conhecimento dos acidentes do terreno da existência. Assim pronta e preparada, a pele acolhe as marcas depositadas de uma outra pessoa, que habita o mesmo invólucro corporal. Com inquietude ou segundo os acasos do humor, tatuagens, *piercings*, ornamentos, perucas, maquiagens, sapatos, hábitos,

multiplicam as formas de estilização de si. Resta organizá-los feito armas, como signos de resistência à destruição de um mundo urbano racializado, sem fôlego, onde florescem as figuras in/desejáveis e in/apropriadas (Trinh T. Minh-ha). Homens negros se mantêm nas bordas do mundo, no oposto da cidade, em seus territórios confidenciais. Superfície refletora gerando uma superfície difratante (Gloria Anzaldua), a difração entre as identidades, os nomes, os lugares e as vestimentas, não disjuntivas mas construídas como uma rede de circulação identitária e minoritária alargada, eis que vem a figura. Assim se apresenta LoBell/Gabriel, a cada vez ele, ela e ele, uma pessoa em constante circulação entre suas diferentes personas, falando para ele e para cada uma delas. Vivendo num meio social vulnerável, num clima familiar carregado, que ele transforma pelo exercício de ser outro, ela, no qual ele se mantém como uma viagem a um grande quintal em que os preparativos são laboriosos, fastidiosos, e custosos.

A ignorância é um bom ponto de saída para começar um périplo. Nada saber, não ter nenhum ponto habitual de referência, disponibilidade necessária para todo aprendizado. Deixar vir o mundo em si mais do que pretender ir em sua descoberta, como sugere Trinh T. Minh-ha, liberto de toda obrigação de entender, presságio de uma capacidade de abandono e de desorientação que juntos formam a experiência. Uma experiência, a única que vale a pena, aquela que transforma.

É neste estado de espírito que me encontro na primeira vez em que faço a topografia de Baltimore. Fazer a topografia é uma expressão que se impõe, pois estou a pé e começo a ir de um ponto a outro, tomando o caminho mais direto que traço sobre o mapa oferecido pelo meu hotel. Os mapas turísticos têm essa magia: apagam todas as asperezas sociais, as tensões étnicas ou raciais, também é certo que achatam os relevos, sejam eles tão imponentes quanto as colinas, como em São Francisco, bem como a atenção do explorador Howard Becker. Em Baltimore, nenhum relevo considerável torna o avanço difícil. Basta querer andar, nada interrompe o caminho. Exceto que à medida que ando do centro rumo ao norte neste domingo de manhã, observo ruas vazias e olhares que se demoram, motoristas de carros que desaceleram ao meu passo, acompanham-me por algum tempo, em seguida me ultrapassam. Eles, assim como eu, carregados de espanto, de descrença. Até que percebo que estou sozinha, ou quase, a atravessar a cidade, cruzando aqui ou acolá com um transeunte negro. E compreendo que é inusitado ver uma mulher, de

aparência branca, se prestar a este exercício, provavelmente desaconselhável. Deveria, sem dúvida, pegar o metrô ou um taxi. Não me arrependo de não tê-lo feito. Este périplo me permitiu experimentar o que era Baltimore: uma cidade esvaziada na qual os interstícios e os intervalos pulsam um ar rarefeito. Eu o tinha apenas vislumbrado no decorrer do colóquio que chegaria ao fim e que motivara minha presença lá. Graças a uma exposição sobre o impacto antropológico e identitário da série *The Wire* sobre a percepção que os jovens habitantes da cidade tinham deles mesmos, Baltimore adquiriu em seu propósito uma profundidade que excedia o campo visual para vir se alojar sobre a pele. Mais do que cenário, a cidade servia de fonte de inspiração, sem ela, sem seus personagens, aqueles da série não poderiam existir e não teriam encontrado um lugar à sua medida. A existência reencontraria então a experiência, sem fio, sem intermediário.

A segunda vez em que fiz a topografia de Baltimore foi em companhia de Frédéric Naucyciel e de LoBell, que me propôs fazer o percurso de nosso périplo de carro. Desde esta primeira *excursão* memorável e nossa conversa cruzada sobre o assunto Baltimore, Frédéric apresentou sua versão dos fatos em uma série de fotografias, de filmes e de *performances*. Os personagens brilhantes que povoam os filmes e as imagens de *The-Fireflies-Francesca-Baltimore* valem tanto quanto aqueles de *The Wire*, eles possuem esta qualidade própria de terem estabelecido as condições de sua existência e a defenderem sem vacilar. Frédéric organizou, em Paris, um encontro com Dale e seus companheiros de *voguing*³ da *performance* no MAC/VAL, que aconteceu durante a exposição de verão *Situation(s)*. A conversa solta e acumulada sobre o burburinho de um bar transbordando de gente nos limites de uma rua do Marais havia me introduzido ao tom direto e desprovido de afecção que eu reconheceria no encontro seguinte, previsto para este outono em Baltimore. Descobri alguma coisa que esperava remeter à experiência dos anos anteriores de meus primeiros trabalhos etnográficos nos pequenos bosques entre Montfermeil e Clichy-sous-Bois: a consistência da cidade e seus pontos de resistência.

E foi LoBell quem ofereceu o prato de resistência, ousou dizer, me

3 [NR] *Voguing* é um estilo de dança que emerge nos anos 1960, nos salões do Harlem (EUA), com os afro-americanos e latino-americanos. A partir dos anos 1980, começou a ser praticado nos espaços de dança e nos clubes da cena gay/trans. Baltimore é uma das capitais do *voguing*.

pegando desprevenida. Mal entramos no carro ele me entregou seu celular como entregaria um cartão de visitas. Para introduzir o assunto, ele exhibe um clichê que me chama a atenção, deixando-me longos minutos com o instrumento na mão, tempo em que apreciei todos os detalhes e levantei todas as implicações daquela imagem. Passando rapidamente sobre outros clichês que ele desliza sob seus dedos, LoBell volta-se sobre um tipo de retrato-manifesto e me diz: “Eu sou ela: Gabrielle”. Ele aparece loira, num traje e numa pose estudados. Mostra-se num outro dia, noturno, não numa outra identidade, nem num outro modo: uma dimensão integral de sua personalidade. Era sempre ele mesmo, o jovem homem negro em traje casual, com o rosto marcado por um *piercing* no nariz, para quem me volto regularmente para manter a conversa durante as três horas que ela dura. Enquanto se desenrola sob as rodas de nossa sala ambulante o tapete da geografia urbana e social de uma Baltimore em suspensão, cujos relevos, enigmas, vestígios se abrem a nossa visão panorâmica, nos arrebatam as palavras que dão conta, talvez mesmo restituindo a razão de sua experiência. Sem dúvida, isto exige o cuidado de colocar-se sob o signo deste outro manifesto, perfeito contraponto da foto: *hard skin*. A foto e sua legenda. Uma combinação improvável e incompreensível sem um modo de emprego. O modo de emprego para se tornar legendário num mundo deteriorado que mede as espécies em vias de desaparecimento ao custo de ter eliminado todos os confrontos da pobreza e do racismo metabolizados nas artérias da grande cidade transpassada pela droga.

Um presente, por assim dizer, inesperado e inestimável. O que implica agora cartografar seus meandros e quintais.

Sob a pele

Outra cena, outro avesso da cena. O corpo esperando transplante está conectado virtualmente a uma máquina cuja *performance* técnica aplicada a um órgão ali situado, como um casulo ou, melhor ainda, uma incubadora, assegurará sua sobrevivência. A ligação é afetiva e não técnica. Para que a transformação seja possível, é preciso que este lugar entre o humano e a máquina seja não direto, mas inter/mediado por afetividade e emotividade⁴. A máquina é pensada, projetada, fabricada e colocada em atividade para responder a um

4 Simondon, G. *L'individuation psychique et collective*. Paris: 1989, p. 98 e ss.

desejo de vida que se encontra sem saída. Expirado pela respiração curta de humanos cuja *performance* respiratória não cessa de se deteriorar, este desejo é redirecionado à experimentação biomédica. Esta se realiza numa fazenda na Suécia transformada em lugar de invenção de novas maneiras de cuidar de corpos e fornecer nutrição para seu bem-estar. Seu resultado e sua aplicação em benefício de doentes atendidos em função de critérios de deficiência técnica apontam para a máquina desejanter que se encontra aqui imaginada e ajustada, sem a certeza de chegar a realizá-la. “Nossa relação com as máquinas não é uma relação de invenção nem de imitação, não somos nem os pais cerebrais nem os filhos disciplinados da máquina. É uma relação de povoamento: povoamos as máquinas sociais técnicas de máquinas desejanter, e não podemos fazer de outro jeito”⁵.

Uma infinidade de gestos, seguros ou inábeis, para ativá-la e mantê-la em atividade dá o testemunho do que está em jogo: a promessa de uma longevidade fortemente desejada. A coexistência entre máquina e humanos, estes envolvendo aquelas de cuidados infinitos, antecipa os cuidados para que o doente progrida. Sem ceder à eugenia que pode aparecer debaixo desta busca tecnológica e biotecnológica, os experimentadores, médicos e equipe pluridisciplinar, e os doentes à espera de transplante são confrontados com questões éticas: qual vida será prolongada em detrimento de qual outra. Além desta arbitrariedade relativa, a transplantação reaviva a interrogação sobre a transformação do doente para supostamente reencontrar uma vida normal. O que será dele, uma criatura híbrida, um *cyborg alter ego* nascido da transplantação, ou voltará à normalidade humana? Esta questão, recorrente na prática de transplante, ganha um relevo singular ao se observar o aumento do custo para colocar à disposição do órgão que garante o “*organ care system*” a técnica de *ex-vivo* para o reparo e acondicionamento do pulmão.

Quanto estamos dispostos a pagar para que uma alteridade viável surja dos corpos assombrados, seja por uma doença, inadequação sexual ou pela segregação em meio racializado? O preço de um acondicionamento de pulmão ou de um transplante clássico não se compara àquele de uma transformação de travestis, sabendo que não se trata para LoBell/Gabriel ou para as figuras que se parecem com ele, de mudar de sexo apelando para cirurgia e

5 Deleuze, G. e Guattari, F. *L'Anti-Edipe*. Paris: Minuit, 1973, p. 478 [O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. . Tr. br. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, p. 524].

tratamentos hormonais. Mais do que se transformar radicalmente, eles/elas transformam sua aparência e até mesmo o aspecto de seu território reinvestindo-o de um sentido que não se encontraria mais, escapando de um colapso da cidade política.

Na outra ponta do espectro de produção de alteridade interior, a reabilitação de pulmões a fim de intensificar os órgãos disponíveis para pacientes enfraquecidos coloca a questão do aumento de desigualdades de meios e de posições. Lá onde os trans se inventam em regime de raridade, a raridade de pulmões, pecuniária, pode ser compensada apenas pelos programas tecnologicamente complexos, envolvendo materiais compostos e cooperações interinstitucionais e internacionais custosas.

A proposta empregada aqui é eliminar as fronteiras entre entidades *a priori* estranhas uma à outra, incomensuráveis uma à outra, considerando a hipótese de que elas pertencem ao mesmo mundo de possíveis.

Um programa de resistência, ao esgotamento do ar, ao esgotamento dos possíveis, se impõe a quem quer sobreviver, embora afirmando a vulnerabilidade propositiva destes lugares de vida parcial. Considerando o quintal do laboratório de uma renovação urbana pós-racial incerta ou o depósito de um laboratório buscando a fórmula da longevidade humana, a resistência das figuras que estão em dependência condiciona o desenlace: existir em meio hostil, assumindo sua carga ameaçadora para melhor revirá-la, como uma luva, um recurso não malévolo, mas estimulante, até que as fontes de hostilidade racial, atmosférica, respiratória, regressiva, sejam enfim derrotadas pela imaginação e pelas tecnologias de si que venceram as biotecnologias e a biopolítica que elas armam. Aprender a manter o prumo e a esperar, enquanto se exercita para a próxima *performance* trans, enquanto aumenta a capacidade respiratória até o transplante, como muitas trans-formações que tendem a frustrar a armadilha da normalidade e suas vias de normalização ou que visam um retorno à media, absolutamente relativo quando não impossível.

Antessala, depósito, quintal, sala preenchida de objetos técnicos e atravessada de fios, quarto no porão lotado de roupas, de acessórios e de produtos de maquiagem, são todas perspectivas de observação destas pequenas mãos modelando com paciência e constância as ferramentas de uma transformação. Humanos inéditos, transfigurados por uma montagem exorbitante, empoleirados em saltos intermináveis e sobre os planos acrobáticos, fixados nas próteses, amarrados nas máquinas por sua esperança, maravilhosos,

inesperados ou extirpados das entranhas sujeitas à experimentação e arrebatados ao desespero de ali permanecer, de não conseguir, de não mais poder ser, de não mais poder viver ou mesmo de não mais poder estar num corpo suportável. É contra estes “nãos” e “não mais” que a transformação de si num meio hostil trabalha, em baixo ruído e baixa frequência.

Tradução de Maria Fernanda Novo

*Nacira Guénif-Souilamas é professora de Ciências da Educação na Université Paris VIII. Socióloga e antropóloga, é doutora pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris. Pesquisa e escreve sobre questões da alteridade, migrações e minorias numa perspectiva que cruza gênero, raça, etnicidade e classe.

